

ATITUDES LINGUÍSTICAS EM LOCALIDADES MULTILÍNGUES NO PARANÁ: RESULTADOS DE ESTUDOS DESENVOLVIDOS NO PPGLinC

LANGUAGE ATTITUDES IN MULTILINGUAL LOCALITIES
IN PARANÁ: RESULTS OF STUDIES CARRIED OUT AT
PPGLinC

Clarice Cristina Corbari¹
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Any Lamb Fenner²
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: Neste artigo, relatamos resultados de duas pesquisas da área da Sociolinguística, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com o objetivo de descrever atitudes linguísticas em quatro localidades paranaenses: Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Irati e Santo Antônio do Sudoeste. O conceito de atitude que fundamenta as análises considera três componentes situados no mesmo nível: o cognoscitivo (pensamentos e crenças), o afetivo (sentimentos ou emoções) e o conativo (tendências de reação). Utilizamos, para a análise, inquéritos obtidos em entrevistas a 18 informantes de cada localidade, selecionados de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Os estudos mostraram uso regressivo das línguas de herança nas localidades e atitudes predominantemente positivas em relação à fala do outro. Contudo, observamos a recorrência de questões de demarcação identitária.

Palavras-Chave: Atitudes linguísticas; Línguas em contato; Identidade.

¹ ccorbari@yahoo.com.br

² anylamb@gmail.com

Abstract: *In this paper, we report some results of two works in Sociolinguistics, carried out at Language and Culture Post-Graduation Program (PPGLinC), at Federal University of Bahia (UFBA), which aimed to describe language attitudes in four localities in Paraná. The concept of attitude that underlies the analyses considers three components located at the same level: the cognitive (thoughts and beliefs), the affective (feelings or emotions) and the conative (behavioral tendencies) components. For the analyses, we used data obtained from interviews with 18 informants from each location, selected according to the variables sex, age group and educational level. The studies showed a decrease in the use of heritage languages in the localities, as well as predominantly positive attitudes towards the speech of the other. However, we observe the recurrence of aspects of identity demarcation.*

Keywords: *Language attitudes; Languages in contact; Identity.*

INTRODUÇÃO

O Estado do Paraná caracteriza-se por sua diversidade sociolinguística, resultante do contato linguístico e cultural entre grupos étnicos de variadas origens, decorrente de fluxos migratórios e, nas regiões fronteiriças a outros países, de relações laborais e comerciais. A presença de comunidades indígenas em diversas localidades, a colonização do território por descendentes de imigrantes estrangeiros e a proximidade à fronteira com países hispanófonos, nas regiões Oeste e Sudoeste, propiciaram a formação desse cenário sociocultural e sociolinguisticamente complexo, que favorece a manifestação de atitudes linguísticas em relação às variedades faladas nas localidades e a seus falantes.

Neste artigo, reunimos resultados de duas pesquisas sobre atitudes linguísticas, desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação da Professora Doutora Jacyra Andrade Mota, que resultaram nas teses intituladas *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste* (CORBARI, 2013) e *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste Paranaense* (LAMB FENNER, 2013). Ambos os trabalhos utilizaram dados coletados em quatro localidades paranaenses pelo Projeto Interinstitucional *Crenças e atitudes linguísticas: um*

estudo da relação do português com línguas de contato (AGUILERA et al., 2009), doravante mencionado como Projeto CAL.

Para a apresentação dos resultados, organizamos este artigo em três seções, além desta introdução e da conclusão: na primeira seção, apresentamos brevemente a base teórico-metodológica referente aos estudos de atitudes linguísticas; na segunda, traçamos uma breve descrição do perfil sócio-histórico das localidades investigadas: Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Santo Antônio do Sudoeste e Irati; e, na terceira, apresentamos os principais resultados, considerando a situação das línguas de herança nas localidades e a manifestação dos componentes cognoscitivo, afetivo e conativo da atitude, manifestos na fala dos informantes das pesquisas.

1 BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA DO ESTUDO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS SOB A PERSPECTIVA MENTALISTA

O estudo das atitudes linguísticas toma como basilar o entendimento de que o contato linguístico é, sobretudo, um contato entre falantes, marcado por atitudes, sentimentos e juízos de valor em relação às variedades linguísticas. Consideramos, com base em Moreno Fernández (1998), Liebkind (1999) e Padilla (1999), que há estreita relação entre língua e identidade étnica, cuja demarcação pode ocorrer de forma objetiva, caracterizada pelas instituições que compõem a identidade e pelas diretrizes culturais que lhe dão personalidade, ou subjetiva, caracterizada pelo sentimento de comunidade compartilhado por todos os membros de um grupo e pela ideia de diferenciação com relação aos demais.

O conceito de atitude adotado no Projeto CAL (AGUILERA et al., 2009) e, conseqüentemente, nos estudos que utilizaram seu banco de dados, advém da Psicologia Social: “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de *pensar*, *sentir* e *reagir* em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”

(LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78, grifos acrescentados). De acordo com esse conceito, a atitude é formada por três componentes, situados no mesmo nível hierárquico: a *crença* (componente cognoscitivo), a *avaliação* (componente afetivo) e a *conduta* (componente conativo). Trata-se da perspectiva mentalista, em oposição à perspectiva comportamentalista, que concebe a atitude meramente como determinado tipo de ação em relação a um objeto. Na perspectiva mentalista, a ação, etapa final do processo de formação da atitude, resulta da soma das crenças e conhecimentos, dos sentimentos ou emoções e das intenções comportamentais do indivíduo diante da língua ou de uma situação sociolinguística (OPPENHEIM, 1992; MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

De acordo com essa perspectiva, portanto, todos os componentes estão interrelacionados, ainda que, na manifestação linguística dos falantes, seja possível identificar a predominância de um ou outro componente. O componente cognoscitivo refere-se aos elementos que, na fala, refletem as crenças, os estereótipos, as opiniões ou convicções, os modos de conceber e interpretar a realidade linguística. As crenças, por sua vez, podem desencadear uma resposta emocional, geralmente em forma de avaliação, que é o componente afetivo. A avaliação social e cultural em relação a determinado grupo geralmente se pauta em pontos de referência, que são os estereótipos atribuídos àquele grupo, cujos valores estão no domínio da memória das crenças sociais – portanto, compartilhadas. Finalmente, o componente conativo refere-se à disposição para responder favorável ou desfavoravelmente ao objeto da atitude. A tendência para certo tipo de ação é o momento em que as crenças e os valores afetivos se transformam em intenções comportamentais expressas na fala.

Para exemplificar como esses componentes podem se manifestar na fala dos informantes, apresentamos, na sequência, dois recortes. No primeiro, o informante expressa sua crença em relação ao comportamento dos argentinos e

à colaboração que se estabelece bilateralmente em uma situação interativa com eles. Neste caso, sobressai o componente cognoscitivo da atitude:

- (01) Têm um convívio bom, eles se esforçam, quando a gente conversa, eles já esforçam pra... pra conseguir transmitir pra nossa língua aquilo que entende, e da mesma forma eles também... a gente se esforça pra que eles consigam entender o que eles tão querendo transmitir pra gente, então... aqui não tem problema, a gente consegue se comunicar bem. (Inf. 15 [H2s] – SAS³)

No segundo recorte, a informante expressa, enfaticamente, avaliações subjetivas sobre as línguas citadas pelo inquiridor, por meio dos atributos *maravilhoso, esquisito, muito lindo* e *gosto muito*, que refletem o componente afetivo. As respostas apontam, também, para o componente conativo, que se refere à intenção ou tendência comportamental, manifesta no desejo de fazer um curso de espanhol.

- (02) INQ.- E o espanhol, você acha feio ou bonito?
INF.- Maravilhoso. Quero... já quero fazer um curso de espanhol, quero, sim.
INQ.- E o alemão, feio ou bonito?
INF.- Esquisito, na minha... eu acho [risos].
INQ.- E o italiano?
INF.- O italiano, eu também acho muito lindo, gosto muito. (Inf. 10 [M2m] – SAS)

Na abordagem mentalista, as atitudes só podem ser medidas de forma indireta, por meio de instrumentos que permitam desvelar as crenças, os juízos de valor e as inclinações comportamentais dos sujeitos pesquisados, já que, conforme Oppenheim (1992), as atitudes de um indivíduo permanecem “adormecidas” na maior parte do tempo e são expressas na fala ou em outra

³ Nos recortes das falas dos informantes, para identificação das localidades, utilizamos as iniciais: I, para Irati; SAS, para Santo Antônio do Sudoeste; MCR, para Marechal Cândido Rondon; e G, para Guaíra. A informação entre colchetes refere-se ao perfil do informante: as siglas utilizadas representam a combinação das variáveis sexo (H – homem; M – mulher), faixa etária (1 – 18 a 30 anos; 2 – 31 a 50 anos; 3 – 51 a 70 anos) e escolaridade (f – fundamental; m – médio; s – superior).

forma de comportamento somente quando o objeto da atitude é percebido. No caso das pesquisas de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013), o instrumento de coleta dos dados pautou-se em um questionário⁴, aplicado em forma de entrevista, com perguntas que buscaram identificar, além da situação de bilinguismo nas localidades, a manifestação das atitudes dos informantes em relação às línguas faladas em sua comunidade e a seus usuários.

Os pontos de inquérito do Projeto CAL foram selecionados conforme o histórico de povoamento e a situação geográfica das localidades, o que resultou em oito localidades, quatro das quais integraram as pesquisas de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013), a saber: Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Santo Antônio do Sudoeste e Irati. Em cada uma delas, foram selecionados dezoito informantes⁵, com a seguinte distribuição: a) seis informantes em cada um dos níveis de escolaridade: fundamental (completo ou incompleto), médio (completo) e superior (completo); b) seis informantes de cada um destes três grupos etários: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos; e c) quanto à variável sexo, nove homens e nove mulheres.

Para as pesquisas de doutorado de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013), os dados dos informantes foram tratados por meio de uma abordagem quali-quantitativa, em que as respostas dos informantes foram primeiramente quantificadas para fins estatísticos e, posteriormente, submetidas à análise descritiva, ou seja, à interpretação qualitativa. Neste artigo, contudo, optamos por privilegiar os dados qualitativos.

Na sequência, antes de apresentarmos os principais resultados dessas pesquisas, descrevemos brevemente o perfil das localidades selecionadas para o estudo das atitudes linguísticas de seus falantes.

⁴ O questionário na íntegra pode ser consultado em Sella, Corbari e Aguilera (2019).

⁵ Em uma das localidades do Projeto CAL, Foz do Iguaçu, foram selecionados 36 informantes, em virtude do volume populacional e da presença de cerca de 70 grupos étnicos.

2 PERFIL SÓCIO-HISTÓRICO DAS LOCALIDADES

Das localidades que constituíram os *loci* das pesquisas de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013), três se situam na fronteira com países hispanófonos – Marechal Cândido Rondon e Guaíra, na divisa com o Paraguai, e Santo Antônio do Sudoeste, na divisa com a Argentina –, e uma (Irati) localiza-se no interior do Estado.

O estudo de Lamb Fenner (2013) concentrou-se em duas localidades da mesma região – o Oeste do Paraná, na fronteira com o Paraguai – e buscou comparar as atitudes manifestas pelos informantes tendo como pano de fundo a sócio-história particular de cada um desses espaços. Essa região foi, inicialmente, povoada por índios Guarani, e, posteriormente, habitada por espanhóis e ingleses para exploração de erva-mate e madeira (WACHOWICZ, 1982). Porém, sua efetiva colonização ocorreu no contexto de uma estratégia geopolítica nacional de ocupação de regiões brasileiras com baixa densidade demográfica: a Marcha para o Oeste, programa criado pelo presidente Getúlio Vargas e intermediado por empresas colonizadoras do Sul do país (GREGORY, 2002).

No caso de Marechal Cândido Rondon, a colonizadora Maripá foi a responsável por atrair, para esse espaço, colonos descendentes de imigrantes europeus, majoritariamente alemães, a partir de 1946 (BORSTEL, 1992). Esse grupo prezava pela conservação de sua língua e cultura de herança, favorecida por fatores religiosos, por meio da doutrina luterana, e educacionais, por meio da instalação de escolas étnicas de alemão. Em contextos informais, os rondonenses utilizavam – e alguns ainda utilizam – a variedade *Hunsrückisch*, e em contextos mais formais, como o escolar, usavam a variedade padrão, isto é, o *Hochdeutsch* (BORSTEL, 1992; LAMB FENNER, 2013).

A comunidade rondonense cultiva práticas culturais que conferem identidade germânica à localidade, por meio de elementos como: a) a arquitetura,

em forma de construções em estilo colonial ou enxaimel; b) os eventos festivos e culturais, especialmente a *Oktoberfest*, animada por músicas e danças folclóricas; c) a gastronomia, com seus pratos típicos alemães e o chope; e d) os programas de rádio, que veiculam a língua alemã por meio da divulgação de músicas folclóricas, notícias locais e recados em alemão (LAMB FENNER, 2013).

A maioria das localidades paranaenses vizinhas de Marechal Cândido Rondon possui histórico semelhante com relação ao perfil dos colonizadores, o que contribui para a construção de uma identidade sociocultural relativamente homogênea desse espaço. A localidade também faz fronteira com o Paraguai, por meio do Lago de Itaipu, mas o contato com os paraguaios ocorre principalmente quando os rondonenses vão à cidade de Salto del Guairá para turismo de compras, a cerca de 200 quilômetros de distância.

A outra localidade do Oeste do Paraná selecionada para o estudo de Lamb Fenner (2013), Guaíra, localiza-se na fronteira com o Estado do Mato Grosso e com o Paraguai. Essa localidade presenciou, no passado, incursões espanholas, de jesuítas – que fundaram a Ciudad Real del Guayrá, em 1556 – e de bandeirantes paulistas, cada uma a seu tempo, antes de sua efetiva colonização (MUNTOREANU, 1992). Em 1872, com o tratado de limites entre Brasil e Paraguai, o território onde hoje se situa o Município de Guaíra passou a pertencer a uma empresa de extração de erva-mate, que desbravou toda a região e lhe deu o impulso necessário para seu progresso, ao intensificar o fluxo humano na região (WACHOWICZ, 1982). Conforme Muntoreanu (1992), as línguas utilizadas na localidade, naquela época, principalmente pelos trabalhadores, eram o castelhano e o guarani.

Diferentemente de Marechal Cândido Rondon, Guaíra recebeu contingentes etnicamente diversificados, destacando-se as colônias portuguesa, japonesa, alemã, italiana e árabe, cujas culturas são celebradas na tradicional Festa das Nações. Indígenas, paraguaios e argentinos também integram a

composição populacional da localidade (LAMB FENNER, 2013). Além disso, em virtude da proximidade com Salto del Guairá, no Paraguai, há um trânsito intenso diário de pessoas entre essa cidade e Guaíra, em função não apenas do turismo de compras, mas também das relações laborais, especialmente ligadas ao comércio. Todas essas características reforçam o perfil multilíngue da localidade.

Também localizada em região de fronteira com um país de língua espanhola – neste caso, a Argentina –, Santo Antônio do Sudoeste foi um dos *loci* da pesquisa de Corbari (2013). A localidade se situa no Sudoeste do Paraná, cuja colonização também decorreu da Marcha para o Oeste e foi intermediada por companhias de colonização.

No início do século XX, a população da fronteira do Sudoeste do Paraná era composta de argentinos, paraguaios e caboclos brasileiros, cuja principal atividade era o comércio de erva-mate (WACHOWICZ, 1985; LAZIER, 2003). A Colônia Agrícola Nacional General Osório (Cango) deu início, na década de 1940, ao povoamento efetivo da região, ao atrair milhares de famílias com a promessa de prover serviço de infraestrutura, assistência à saúde e educação, além da possibilidade de comprar, a preços irrisórios, as terras que estavam sendo utilizadas por posseiros – o que gerou, inclusive, superposições de títulos e, conseqüentemente, contendas entre posseiros e colonizadores (WACHOWICZ, 1982; 1985; GREGORY, 2002). Nas décadas de 1940 e 1950, a localidade recebeu levas de agricultores – em grande parte, descendentes de italianos, alemães e eslavos – procedentes de outras regiões do Paraná e dos Estados do Sul (WACHOWICZ, 1982; 1985).

Cabe salientar que a região foi palco de diversos conflitos territoriais, entre os quais se destacam a Guerra do Contestado, entre Paraná e Santa Catarina, a disputa territorial entre Brasil e Argentina, e a Revolta dos Colonos ou Revolta dos Posseiros, que envolveu posseiros, companhias colonizadoras e o poder público (WACHOWICZ, 1982; 1985).

No que concerne às formas de manutenção da língua e cultura dos colonizadores, na localidade de Santo Antônio do Sudoeste, o calendário cultural não registra nenhum evento ao qual se possa atribuir a representação de alguma língua e/ou cultura em especial (CORBARI, 2013). Com relação ao contato com a variedade argentina do espanhol, as interações entre os santo-antonienses e argentinos, especialmente os moradores da cidade “gêmea” San Antonio (Argentina), em virtude das trocas comerciais, culturais e, portanto, linguísticas, assim como os programas de rádio do país vizinho, oferecem insumo linguístico frequente aos moradores da localidade.

A outra localidade escolhida por Corbari (2013) para a análise das atitudes linguísticas, Irati, localiza-se no Sudeste do Paraná. Essa região foi inicialmente povoada por índios Caingangue e, posteriormente, por bandeirantes paulistas e por tropeiros que aí se estabeleciam para invernar suas tropas por alguns meses. No final do século XIX, famílias procedentes do Leste do Paraná fundaram um pequeno povoado, que vivenciou rápido desenvolvimento urbano com a construção de estrada de ferro e estação ferroviária e com a instalação de estação telegráfica. A partir de 1908, ano de sua emancipação como município, Irati recebeu levas de colonos holandeses, ucranianos, poloneses, alemães e italianos (ORREDA, 2007).

Em Irati, vários elementos colaboram para a manutenção da língua, cultura e identidade étnica dos diferentes grupos étnicos, especialmente os de origem eslava. Entre esses elementos, estão: a) os programas de rádio que difundem as línguas e culturas dos imigrantes; b) os eventos do calendário cultural, que cultivam as tradições dos diversos grupos étnicos; c) a formação de grupos (polonês e ucraniano) de danças folclóricas; d) a circulação de jornal escrito em ucraniano; e) a arquitetura religiosa ucraniana, representada por igrejas em estilo oriental; e f) a religião dos grupos eslavos, que reproduzem os ritos pascais e natalinos e as celebrações religiosas conforme praticadas em seus

países de origem (inclusive no que se refere ao uso da língua de herança, no caso dos ucranianos) (WACHOWICZ, 1982; RENK, 2009; JACUMASSO, 2009; CORBARI, 2013). A proximidade de algumas localidades com histórico semelhante no que diz respeito à colonização também favorece a manutenção de algumas práticas linguísticas e culturais dos diferentes grupos étnicos. Merece destaque o município vizinho de Prudentópolis, considerado o município mais ucraniano do Brasil, que acaba por reforçar a identidade étnica dos grupos eslavos na região.

Todas essas localidades se caracterizam, portanto, pela diversidade étnica, linguística e cultural, contexto que favorece o contato linguístico e, conseqüentemente, gera atitudes dos falantes com relação à própria fala e à fala do outro. Na próxima seção, dedicamo-nos a analisar algumas dessas atitudes, manifestas nas falas dos informantes dessas localidades.

3 ALGUNS RESULTADOS DAS PESQUISAS

Nesta seção, sintetizamos os principais resultados das pesquisas de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013). Iniciamos com um panorama geral da situação das línguas de herança nas localidades, a partir do que dizem os informantes, e, em seguida, analisamos como se manifestam os componentes da atitude nos dados coletados.

Verificamos, nas quatro localidades pesquisadas, a gradativa dissolução do uso das línguas de herança em favor da língua portuguesa. Os dados de Irati ilustram esse cenário, pois mostraram que, enquanto 44% dos avós dos informantes ainda falavam as línguas de imigração (28% deles eram, inclusive, monolíngues), apenas 22% dos informantes falam hoje as línguas de herança (e todos já dominam o português).

Nas regiões fronteiriças, observamos que as novas gerações vêm se tornando bilíngues, com a aquisição das variedades do espanhol, em função da necessidade, gerada pelo contexto de fronteira, de estabelecer relações sociais e comerciais com os paraguaios e/ou argentinos. Em Santo Antônio do Sudoeste, por exemplo, os dados mostraram que, enquanto metade dos avós dos informantes eram falantes da língua de herança ou bilíngues e 39% eram monolíngues em português, apenas dois informantes (11%) são bilíngues em português e na língua de herança, mas, em compensação, 44% já falam o espanhol, língua que nenhum dos avós usava.

Vários fatores podem levar um grupo a, gradativamente, deixar de usar uma língua em favor de outra, mas, em todos os casos, a atitude do falante é o elemento-chave. Os recortes a seguir, especialmente nas partes destacadas, revelam atitudes em relação à transmissão ou à aquisição das línguas de herança:

- (03) [...] *meus pais não me ensinaram*, por mais que os avós eram alemão, *não aprendi nada* de alemão... (Inf. 9 [H2m] – G)
- (04) Então... minha avó materna falava em polonês, minha avó paterna falava em guarani, e *não aprendi nenhuma das duas línguas*. (Inf. 10 [M2m] – G)
- (05) A minha mãe não sabia falar o português, daí falava muito mal o português. Então ela e o pai falavam o polonês, só que nós, os filhos, *tínhamos vergonha*, porque na escola a gente falava muito atrapalhado. Então *a gente procurou deixar a língua polonesa e falar só o português*, que é um erro. (Inf. 12 [M3m] – I)
- (06) [Meus pais] falavam muito em italiano, mas *eu fazia muita gozação* deles falarem em italiano, e falavam o português. (Inf. 18 [M3s] – I)

Em muitos casos, o uso das línguas de herança caracteriza-se como bilinguismo residual (MACKEY, 2004), que ocorre quando somente algumas competências reduzidas se mantêm, o que evidencia a existência de uma situação de contato linguístico em gradativa dissolução. Os itens lexicais citados pelos informantes, quando inquiridos se poderiam dar exemplos de palavras ou

expressões das diferentes línguas faladas na localidade, apontam principalmente para temas circunscritos a conversas cotidianas: fórmulas de cumprimento e despedida, itens da culinária típica, descrição das condições do tempo, designações de laços de parentesco, e expressões que, de certa forma, rotulam um grupo étnico, como *nache lhude* (“nossa gente”, em ucraniano) e *tutto buona gente* (“tudo gente boa”, em italiano), ou que são consideradas marcas identitárias, como os turpilóquios usados pelos italianos.

Quanto aos domínios de uso, as línguas de herança têm circulação restrita: no interior dos lares, nas festas comunitárias de determinada comunidade étnica ou no interior dos municípios, e geralmente entre as pessoas mais velhas, conforme exemplificam os recortes a seguir:

- (07) [...] *no interior do município*, a gente ouve ainda muitas pessoas conversando em outra língua. É... *na igreja* também, que sofre bastante influência, por exemplo, tem a igreja ucraniana, tem igreja... tem o rito próprio, tem a igreja polonesa, embora tenha o mesmo rito romano, mas a gente sabe que lá se reúnem poloneses [...]. (Inf. 15 [H2s] – I)
- (08) [...] o alemão aqui na nossa região mesmo, a gente sai *na rua*, sempre, sempre ouve uma *pessoa de mais idade* conversando. (Inf. 16 [M2s] – MCR)

Das quatro localidades pesquisadas, Marechal Cândido Rondon e Irati apresentam maior vitalidade de certas línguas de imigração – respectivamente, o alemão e as línguas eslavas – em relação ao panorama observado nas outras duas localidades. Vários fatores em conjunção podem colaborar para a relativa manutenção das línguas e culturas desses grupos: a) a religião, que tem um papel significativo na preservação da língua étnica, notadamente quando se mantêm os ritos nessa língua, como é o caso do catolicismo ortodoxo, entre os descendentes de ucranianos, e do luteranismo, entre os descendentes de alemães; b) o casamento intraétnico, como é o caso principalmente dos grupos eslavos em Irati; c) os eventos e produtos culturais, entendidos aqui como as festas típicas, as apresentações de dança, os programas de rádio de cunho étnico, a culinária

típica etc., que, ao rememorarem aspectos da cultura e da língua desses grupos, reforçam a identidade cultural e, por extensão, linguística; d) o relativo isolamento geográfico, que favorece a manutenção da língua e cultura dos diferentes grupos étnicos; e e) a resistência às medidas nacionalizadoras pelo Estado Novo, que levou determinados grupos étnicos a acionar estratégias para manter a identidade cultural e, conseqüentemente, linguística, conforme retrata Renk (2009). Os exemplos (09) e (10) ilustram, respectivamente, a influência dos fatores religião e casamento intraétnico, que podem ter auxiliado na preservação das línguas eslavas em Irati:

- (09) [...] em *catequese*, essas coisas *era tudo em ucraniano*, pelo menos quando eu fiz catequese, sabe, *primeira comunhão*, essas coisas, era tudo... tanto que *pra se confessar era só em ucraniano*, porque eu não sei me confessar em brasileiro, sabe, então era tudo ensinado em ucraniano [...]. (Inf. 10 [M2m] – I)
- (10) Então *o casamento é entre eles* [poloneses] mesmo, né. (Inf. 17 [H3s] – I)

Não obstante os inúmeros esforços de preservação das línguas e culturas dos diferentes grupos étnicos nas quatro localidades, verificamos, em intensidades diferentes, uma lenta e gradual dissolução dos núcleos culturais. O contato linguístico-cultural e o próprio processo histórico de colonização produziram, nesses espaços, uma cultura compartilhada com outros grupos, o que torna mais difícil conservar tanto a língua de herança quanto a representação de uma identidade étnica específica. Nas localidades do Oeste e do Sudoeste do Paraná, o hibridismo cultural foi mais intenso, pois cedeu lugar às demandas comunicativas emergenciais geradas pela situação de contato com outros países, em que o uso do portunhol se estabeleceu como forma rotineira de comunicação.

Além de revelar dados que ajudam a entender a situação das línguas em contato nas diferentes localidades, a fala dos informantes permite pinçar elementos que demonstram explicitamente a atitude linguística em relação a essas línguas (inclusive a própria) e a seus usuários. Esses elementos podem ser

relacionados aos três componentes da atitude, manifestos linguisticamente nas respostas dadas pelos informantes. Nos recortes que elegemos para demonstrar como os componentes da atitude são expressos, podemos observar que, embora os aspectos cognitivo, emocional e comportamental das atitudes estejam interrelacionados, há, em alguns momentos da fala dos informantes, predomínio de um dos componentes sobre os demais.

Os recortes a seguir demonstram crenças dos informantes de que a variedade padrão é sempre melhor, mais correta ou mais bonita. As crenças manifestam-se, em termos linguísticos, especialmente por meio das construções *eu acho* ou *eu acredito*; contudo, como frequentemente são traduzidas em avaliações, o componente cognoscitivo também se manifesta vinculado ao afetivo, geralmente por meio de atributos, em forma especialmente de adjetivos (às vezes, acompanhados de advérbios), mas também de verbos e substantivos que traduzem rótulos. Por isso, as crenças sobre “língua correta” acabam se relacionando com as avaliações sobre “língua feia/bonita” e “língua fácil/difícil”.

- (11) Porque são descendentes, não são... não são natos, digamos, da Itália ou do... da Alemanha. São descendentes, e *eu acredito*, assim, que já tem que começar, que nem eu falei pra você já, mudando muito, né, *arrastando por causa do dialeto*. (Inf. 18 [M3s] – SAS)
- (12) A língua italiana é bonita se você falar ela corretamente. (Inf. 18 [M3s] – SAS)
- (13) [...] *esses que vieram da Alemanha* mesmo, *esses falam o alemão correto*, agora, nós, cada região de Santa Catarina tem uma pronúncia, né, o pomerano que eles falam, né, que nem o nosso... como é que eu vou te dizer? É aquele *alemão quebrado*, assim, sabe, *não é o alemão da gramática mesmo* [...]. (Inf. 18 [M3s] – MCR)
- (14) O alemão, *acho mais bonito* por s... *o alemão verdadeiro*... *por ser mais difícil*, né, *acho mais bonito de se falar*. (Inf. 15 [H2s] – MCR)

Outra crença observada entre os informantes foi a de que o português é difícil ou que o brasileiro fala mal o português, como ilustram os recortes a seguir:

-
- (15) [...] *mal e mal* eu falo o português [...]. (Inf. 14 [M1s] – G)
- (16) Só [falo] o português, *mal e porcamente*. (Inf. 18 [M3s] – I)
- (17) Eu acho que *a nossa língua portuguesa é muito difícil*. (Inf. 18 [M3s] – SAS)

A avaliação negativa do português e da própria competência em falar o idioma revela um entendimento da língua como sinônimo de norma-padrão, o que indica a influência da escola e outras instituições: geralmente, as formas prestigiadas na sociedade correspondem à variedade padrão, cultivada ou difundida por instrumentos como gramáticas e dicionários, pelo processo de escolarização e pelos meios de comunicação, entre outros agentes.

Ainda com relação à avaliação das línguas, verificamos que o fator “compreensibilidade” parece ser determinante para julgar uma língua como bonita ou bem falada. O julgamento tende a ser mais negativo com relação às variedades que não têm origem latina, como é o caso do polonês, do ucraniano e do alemão (incluindo a variedade pomerana), como demonstram estes recortes:

- (18) [...] ah, o alemão e o inglês têm a mesma sonoridade, uma língua assim que não é... é *pouco sonora*, né, é feita assim de intervalos, né, e eu acho que fica *feia a linguagem* [...]. (Inf. 15 [H2s] – I)
- (19) [...] a língua polonesa, ela é *complicada*, dá essa impressão que *o som das palavras sempre são iguais*, né. (Inf. 18 [M3s] – I).
- (20) Meu avô é... fala uma... meu... minhas avós falam alemão, é o pomerano, acho que é... um alemão *meio atrapalhado, mais rápido*. (Inf. 1 [H1f] – MCR)
- (21) A [variedade] do alemão pomerano [é a mais feia], porque aquilo é uma *resmungação*, assim, que você não entende nada, nada, nada, nada, mesmo. [...]. Um^as palavras *muito estranhas*. (Inf. 18 [M3s] – MCR)

No caso do alemão, no entanto, alguns informantes mostraram apreço à variedade padrão (*Hochdeutsch*), como mostramos anteriormente. Assim, a avaliação negativa recai nas variedades não padrão.

Observamos também uma avaliação negativa do guarani ou do jopará (variedade híbrida de espanhol com guarani), quando os informantes se referem aos paraguaios:

- (22) [...] são *enrolada* que ninguém entende, né [risos], porque eles vêm de uma sequência indígena, né, que seria o guarani, né, então ela é *bastante complexa*. (Inf. 17 [H3s] – MCR)
- (23) [...] falam *muito rápido*, é *horrível* ver um paraguaio falando. (Inf. 13 [H1s] – MCR)
- (24) [...] eles misturam o espanhol com o guarani, fica um *som extremamente gutural*, aqui é *difícil de se... se entender* nas palavras, fica uma *mistura*, né [...]. (Inf. 17 [H3s] – G)

No caso das línguas de origem latina, o julgamento tende a ser mais positivo. O italiano, por exemplo, foi bem avaliado em todas as localidades, e as variedades do espanhol, especialmente a argentina, também receberam atributos positivos, de modo geral.

- (25) [...] eu acho as... a língua latina *mais bonita*, porque ela é *suave*, né. (Inf. 15 [H2s] – I)
- (26) Olha, a língua espanhola com um todo, ela é *extremamente interessante*, é *bonita*, é *gostosa de se falar*, né [...]. (Inf. 17 [H3s] – G)

Já com relação ao falar português com interferência da língua de herança, percebido como “mistura”, os informantes tenderam a considerar essas variedades de contato como feias ou mal faladas, como mostra este recorte:

- (27) [...] aqueles que falam o *misturado* ali, falam... uma hora tão falando italiano, outra hora o português, daí já falam meio... *embrulhado*. (Inf. 6 [M3f] – SAS)

No caso do espanhol, a avaliação positiva da variedade argentina, observada em Marechal Cândido Rondon e Santo Antônio do Sudoeste, e da variedade espanhola, em Guaíra, pode estar relacionada ao fato de os próprios

sujeitos da pesquisa serem também usuários dessas variedades para facilitar as trocas comunicativas. O uso do espanhol em nível básico ou do portunhol foi rotulado, pelos informantes, como *arranhar*, *arrastar*, *remediar*, *misturar* e *embolar*, termos que poderiam ser indícios de que essa variedade recebe uma avaliação negativa; ou seja, tais atributos poderiam refletir o modo como se avalia essa variedade. No entanto, depreende-se, da fala da maioria dos informantes das localidades fronteiriças, que o portunhol, de modo geral, não é visto negativamente. Consideramos, pois, que esses termos foram usados apenas para descrever o desempenho nessa variedade como uma tentativa de usar o espanhol (por parte dos brasileiros) ou o português (por parte dos argentinos), ou seja, no sentido de “aproximar-se, saber superficialmente”. Isso se caracteriza como prestígio encoberto, conceito apresentado por Labov (1972), referente a certas formas não padrão, consideradas incorretas, mas que adquirem conotações favoráveis para alguns falantes por estarem associadas à noção de identidade social, ao orgulho linguístico e à pertinência a dada classe social ou comunidade de fala. Isso também foi verificado com relação ao português, como mostra este recorte:

(28) Apesar de nós *falarmos errado o português*, eu acho que é o melhor, ainda. (Inf. 17 [H3s] – SAS)

No que concerne ao componente conativo da atitude, os resultados das pesquisas indicaram tendências de reação positivas em todas as localidades, pois os informantes, de modo geral: a) manifestaram vontade de aprender a falar alguma das línguas de herança ou estrangeiras; b) declararam que não proibiriam o uso das línguas de herança ou estrangeiras em locais públicos; c) concordaram que as línguas faladas na localidade deveriam ser ensinadas nas escolas, ao lado de outras línguas estrangeiras de prestígio internacional; d) manifestaram disposição para comprar casas em bairros em que vivessem apenas membros de

determinada etnia; e) declararam que namorariam ou se casariam com alguém dessas etnias; f) mostraram-se dispostos a procurar um médico ou dentista dessas etnias.

Muitos informantes se manifestaram na defesa da legitimidade de as pessoas falarem suas línguas, de modo a salvaguardar o direito não só à livre expressão, mas também à manutenção de suas culturas por meio da língua (como fator de identidade). No que concerne à disposição para conviver com membros de todas as etnias e/ou usufruir serviços por eles prestados, os informantes, de modo geral, desvincularam aspectos das relações sociais e das características pessoais ao pertencimento a grupos étnicos específicos. Algumas ressalvas nas respostas às questões sobre relacionamentos profissionais e pessoais dizem respeito à dificuldade de comunicação, no caso de o sujeito ou grupo não usar a língua portuguesa, e a diferenças culturais. Verificamos, em algumas respostas, uma explícita demarcação identitária, manifesta na oposição “nós/eles”.

- (29) Porque *eles* [os ucranianos] têm um *modo de vida diferente de nós brasileiros* natos, assim, né. Por mais que *eles* sejam criados aqui, *eles* têm uma *cultura diferente*. (Inf. 16 [M2s] – I)
- (30) Acho [o paraguaio] um povo muito... *diferente do nosso*. (Inf. 12 [M3m] – SAS)
- (31) [...] os paraguaios que são só paraguaios, *entre eles, eles não falam outra língua a não ser o guarani*, e daí é *difícil conviver com eles*. (Inf. 11 [H3m] – MCR)
- (32) [...] país *totalmente diferente*, né, que... Sei lá, parece que *eles não levam muito as coisas a sério*, né, o povo paraguaio [...]. (Inf. 9 [H2m] – MCR)

Alguns informantes demonstraram reconhecimento de que a valorização da língua e cultura dos imigrantes é recente, ao se referirem à proibição de uso das línguas de herança no passado:

- (33) Anos atrás, o governo proibiu falar o polonês. Era proibido. Não, [essas línguas são] muito bonitas, não. Devia incentivar pra que as pessoas tivessem mais conhecimento de outras línguas [...]. (Inf. 12 [M3m] – I)

-
- (34) Eu acho que é, que é um orgulho pra pessoa saber a outra língua. Anos atrás, talvez... mas agora, não, agora a pessoa, eu acho assim, ela... ela se sente, assim, satisfeita em saber falar uma outra língua. (Inf. 12 [M3m] – SAS)

Essas falas remetem à interdição das línguas dos imigrantes no Estado Novo, época em que a campanha de nacionalização tornou o português de uso obrigatório em todo o território nacional, e os imigrantes podiam ser punidos por “crime idiomático” caso falassem, em espaços públicos, outras línguas que não a oficial (RENK, 2009; FROSI; RASO, 2011; OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011).

Constatamos também referências à delimitação identitária baseada nos conceitos questionáveis de *raça* e *sangue*, como demonstram as falas de alguns informantes: “ser do meu sangue” (Inf. 18 [M3s] – I); “alguém da própria raça” (Inf. 1 [H1f] – I); “essa raça é ruim” (Inf. 2 [M1f] – I); “a raça é importante, né, a origem da pessoa” (Inf. 4 [M2f] – SAS), entre outras. Esse tipo de crença favorece a criação de rótulos, como se observou em alguns casos. Em Irati, os ucranianos foram rotulados como descomprometidos – “fogo de palha” (Inf. 17 [H3s]) –; os poloneses, como oportunistas – “querem tirar proveito” (Inf. 9 [H2m]); em mais de uma localidade, os italianos foram rotulados como blasfemadores, e os alemães, como racistas; e, em uma das localidades, os argentinos receberam o rótulo de “meio largadão” (Inf. 5 [H3f] – SAS).

CONCLUSÃO

Cada localidade apresenta suas peculiaridades, pautadas pela complexa interdependência entre as formas de comunicação humana e pela multitude de fatores sócio-históricos e geográficos. O ambiente onde se desenvolvem os contatos tanto interfere nas formas linguísticas produzidas, como resultado de um processo de hibridização que pode não se efetivar em nenhum outro lugar,

quanto molda os modos de interagir, de avaliar as variedades linguísticas e seus falantes e de se comportar em relação aos usos linguísticos em uma comunidade.

Os dados analisados nas pesquisas mostraram que a identidade dos membros dos grupos pesquisados não é homogênea, estável ou uniforme, mas inconstante e, até mesmo, contraditória. Há um imaginário do que é ser um brasileiro e um argentino, assim como há um imaginário do que é ser um ítalo-brasileiro, um teuto-brasileiro, um polono-brasileiro ou um ucraino-brasileiro. Esses mitos são construídos historicamente, no e pelo discurso. No mundo contemporâneo, as identidades são construídas na especificidade dos modos de convívio entre vários grupos, entre várias gerações: no contato. Por isso, ser italodescendente em Irati não é o mesmo que ser um italodescendente em Guaíra, ou ser teutodescendente em Marechal Cândido Rondon não é o mesmo que ser um teutodescendente em Santo Antônio do Sudoeste.

A realidade polimórfica linguístico-cultural verificada nas diferentes localidades resulta das complexas e dinâmicas relações mantidas entre os grupos e é determinada por fatores de ordem social e filtrada pelos modos de crer, avaliar e reagir dos falantes. Desse modo, a relevância de investigar as atitudes linguísticas de uma comunidade reside em fornecer pistas para compreender as forças ideológicas que operam nessa comunidade e até mesmo para fomentar políticas linguísticas específicas a cada região.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade et al. Projeto crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 19., 2009, Cascavel. *Anais...* Cascavel: Edunioeste, 2009. s.p.

BORSTEL, Clarice Nadir von. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil*. 1992. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (Org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 317-347.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAMB FENNER, Any. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste Paranaense*. 2013. 266 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace. E. *Psicologia social*. Tradução por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAZIER, Hermogenes. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. 3. ed. Francisco Beltrão: Grafite, 2003.

LIEBKIND, Karmela. Social psychology. In: FISHMAN, Joshua A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

MACKEY, William Francis. Bilingualism in North America. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Ed.) *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell, 2004. p. 607-641.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MUNTOREANU, Hortência Zeballos. *Guahyrá – Guaíra*. São Paulo: Arte Imprensa N, 1992.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso (Org.). *Os contatos linguísticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 187-216.

OPPENHEIM, Abraham Naftali. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. 2. ed. rev. London; New York: Continuum, 1992.

ORREDA, José Maria. *Irati, teu nome é história: revista do centenário*. Irati: O Debate, 2007.

PADILLA, Amado M. Psychology. In: FISHMAN, Joshua A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

RENK, Valquiria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. 2009. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Dez anos do Projeto “Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”*: contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro & João, 2019.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 5. ed. Curitiba: Vicentina, 1982.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

AS AUTORAS E O PPGLinC

Clarice Cristina Corbari

Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), mestre em Letras pela mesma instituição, e doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (Dinter UFBA/Unioeste). Foi, por mais de dez anos, professora da Educação Básica, onde atuou nas áreas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Atua na Educação Superior desde 2002, no curso de graduação em Letras e no Mestrado Profissional em Letras da Unioeste. Fazer o doutorado no PPGLinC teve importância fundamental para a vida acadêmica e profissional, pois possibilitou a titulação necessária para a valorização profissional e capacitação para contribuir para um ensino com mais qualidade na graduação e na pós-graduação.

Any Lamb Fenner

Graduada em Pedagogia – Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Paraná e em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (Dinter UFBA/Unioeste). Tem experiência na Educação Infantil e nos níveis Fundamental e Médio como docente, supervisora e orientadora educacional. No Educação Superior, atuou no curso de graduação em Letras. Fazer o doutorado no PPGLinC proporcionou estudos e reflexões relevantes para a compreensão da realidade sociolinguística da região de abrangência da Unioeste, com o acompanhamento de orientações de profissionais competentes e dedicados.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 18 de fevereiro de 2021.